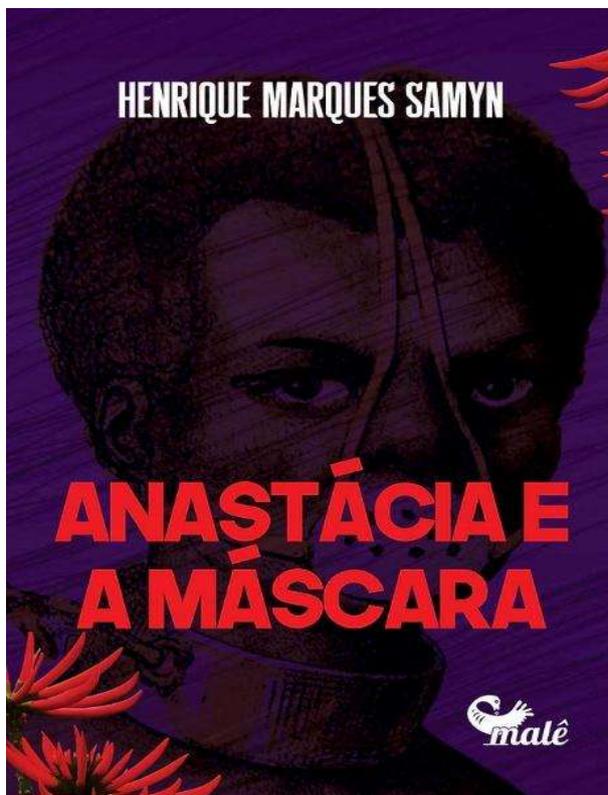


Anastácia e a máscara: reimaginar a história e o tempo na poesia

Giovanna Soalheiro Pinheiro*



É procedimento comum às poéticas contemporâneas propor releituras da história, em busca de certa reordenação ou reconcepção de um passado lido, tradicionalmente, como determinante de narrativas hegemônicas e do *status quo*. Tais poéticas se instalam como força criativa, uma vez que permitem reposicionar objetos e linguagens, situando-as no presente da escrita. Este é o caso de *Anastácia e a máscara*, poemário de Henrique Marques Samyn, publicado pela Editora Malê, em 2024.

O poeta parece mover a sua linguagem no centro de um debate, que já vem se consolidando há alguns anos, com vistas a uma noção de arquivo, que não é só um espaço de memória, mas uma forma de “construção e de desconstrução pelo olhar do sujeito, que cumpre nele um itinerário”

(MARQUES, 2000, p. 34). O que Samyn nos propõe é uma poética esteticamente bem elaborada, não somente afeita ao soneto, em suas distintas composições, mas a outros procedimentos da contemporaneidade, valendo-se disso para profanar e fraturar um dos modelos mais clássicos da tradição literária.

Na articulação de períodos variados, tem-se a viagem: o escritor incorpora à sua escrita a imagem de Anastácia – a santa, a bela, a mascarada, a escravizada –, num percurso de aproximação e de afastamento, que tensiona enunciados, gestos e sujeitos a ele circunscrito. Assistimos à reelaboração de um tempo marcado por violências, cujo sentido começa a se formar na observação da máscara colocada sobre o rosto dessa personagem. Anastácia, embora apareça, nominalmente, só na primeira seção, assume a função de uma alegoria, articulada à própria montagem do livro – feita pelo autor – e à leitura – que deve ser realizada, ou melhor, performada pelo leitor, a fim de este encontre uma possível convergência nas experiências dos corpos negros silenciados nos dias de hoje.

O livro está dividido em quatro partes: “Anastácia e a máscara: sete variações”, “Arte poética e outros poemas”, “Oratório de Rosa Egipcíaca” e “Livro (Negro) dos Sonetos”. Em alguns deles, entreve-se um tom quase litúrgico, já, em outros, estão presentes Rosa Egipcíaca, Abelardo Rodrigues, Oswaldo de Camargo, Carolina Maria de Jesus, Marielle Franco e nomes de mulheres, de homens negros, vítimas da violência racial. Todo o processo de construção da obra é decolonial: a escolha pela editora Malê, os escritores que produzem a orelha, o prefácio e o posfácio, o motivo de criação, com

exceção à forma (do soneto, muitas vezes), que o poeta elege porque precisa estar na norma, no cânone, para rasurá-lo.

Assim, o que antes estava compreendido passa, então, a ser reinterpretado e elaborado a partir do *topos* da opressão e de seus agenciamentos. A personagem ressurgue, em outras partes, como objeto velado – mas também desvelado –, tornando mais palpáveis as máscaras institucionalizadas pela *razão branca*, como se visualiza no poema a seguir, da primeira seção:

Da máscara: o sentido

O que não pode ser enunciado:
esta ânsia genocida que se oculta
em cada gesto; o sempre calculado
motivo que em ação se configura

no exato e cauteloso movimento
que nunca se revela em sua essência
(pois tudo o que se omite na aparência
é o seu sentido atroz e violento);

o que se vê: a máscara que sela
a boca, para que não seja dito
o que nós bem sabemos – que é preciso
dizer – que a razão branca oculta e nega.

A máscara: o silêncio imposto ao nome
da dor que a cada dia nos consome.
(SAMYN, 2024, p. 21).

Escrito em decassílabo heroico, com esquemas rítmicos e rítmicos heterogêneos, o soneto de Henrique Marques Samyn (que combina a forma petrarquiana e a shakespeariana) tece um jogo dialético entre o dito e o não-dito, entre o que se pode dizer ou ler ou o que está abstruso, camuflado sob o signo do silêncio. Aliás, o poeta faz disso o procedimento sobre o qual se constrói o texto: a máscara viola o corpo de Anastácia, que vai, historicamente, de escravizada à santa, cultuada em alguns estados brasileiros e em guardas de congado. Vale lembrar que Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação* (2008), também se atém a essa figura, apontando que o objeto a cobrir o seu rosto é uma operação de silenciamento, de apagamento.

Nesse gesto de resgate, as antíteses se dão a ver: *o oculto, o enunciado e o figurado*, no primeiro quarteto; *a aparência e a essência*, no segundo; *o dito e o negado*, no terceiro; e, enfim, *o silêncio imposto ao nome/ a dor que (...) nos consome*, no dístico final. O escritor, portanto, num aparente preferência pela forma clássica, alterna a composição das rimas nos três primeiros quartetos (ABAB/CDDC/EFFE) e, nos dois versos finais, há o esquema GG, que sugere, como os outros, a junção entre os modelos italiano e o inglês. O escritor *retradiciona* a sua poesia (mas não de forma *frívola*), para usar um termo da pesquisadora e professora lumna Simon (2015) –, lançando mão do arquivo (as várias faces de Anastácia formadas historicamente), para sobrescrever, agora a partir de outro ponto de vista, a história no presente.

Poderíamos abordar ainda o *enjambement*, conforme ocorre, por exemplo, nos dois últimos versos do terceiro quarteto. Nesse caso, quando o poeta transborda sintaticamente o verbo *dizer*, alcança-se um sentido não só associado à oração adjetiva entre travessões, mas ainda ao que vem antes (*bem sabemos ... que a razão branca oculta e nega*) e depois: é preciso, então, que todas os indivíduos possam e saibam dizer.

Já em “O calar-se”, vê-se a mesma intenção:

O calar-se à
força, por medo

(a vida oculta:
segredo)

o calar-se
luto, tristeza

(à espera de alguma
beleza)

– o calar-se só,
paciência:

(a matéria da
resistência)
(p. 30).

A composição do poema, a sua mancha gráfica vazada pelo branco, sugere aquilo que se pode apreender, isto é, o silêncio, mas que será rompido, como se indica na última estrofe, no processo de leitura e de construção da significação. Vislumbra-se ainda o dentro (nos parênteses), a urgência da dominação; e o fora, o calar-se como signo da opressão, do resistir ao sistema. Há uma sequência de quebras, de vazios, no ato emulatório de produzir certa ausência de som, de criar um ritmo – evidenciado pelas tônicas e pelas rimas – que diz muito em exígua linguagem. É pela forma, portanto, que apreendemos o sentido: composto por 6 dísticos rimados, escuta-se o tapar da boca, o esconder o rosto: a forma é a máscara; Anastácia, o silêncio imposto e rompido.

Esses dois modelos poéticos de Henrique Marques Samyn apontam a complexa modulação estética de *Anastácia e a máscara*; o poeta e professor da UERJ sabe bem o que dizer e como dizer. A última seção do livro, também composta por 24 sonetos, enuncia 24 corpos negros imolados, física ou simbolicamente, pelo racismo. Aí, o soneto “não está a serviço” da tradição branca. Ao mesmo tempo, o poeta em questão possui plena consciência de tal forma e só consegue fraturá-la porque a domina com excelência. Como aponta Oswald de Camargo, temos, em Samyn, “um incomum cuidado com a forma (...) propositalmente antilírica ou por vezes enigmática”. Logo, o que se lê é um projeto pensado como dialética, como discurso que questiona o instituído, o arbitrário. O escritor, em sua produção, aponta onde e quando isso tem início.

Belo Horizonte, maio de 2025.

Referências

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

MARQUES, Reinaldo Martiniano. Arquivo. In: *Indicionário do contemporâneo*. (Org. Célia Pedrosa et al.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

SAMYN, Henrique Marques. *Anastácia e a máscara*. Rio de Janeiro: Malê, 2024.

SIMON, lumna. M. (2015). A retraditionalização frívola. O caso da poesia. *Revista Cerrados*, 24. Disponível: periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/25710. Acesso: 20 de maio de 2025.

* Giovanna Soalheiro Pinheiro reside em Belo Horizonte (MG), é mestre e doutora em Estudos Literários (UFMG). Atua como pesquisadora do Portal literafro da Faculdade de Letras da UFMG. É coautora do livro *Literatura afro-brasileira – 100 autores do século XVIII ao XXI*. Realizou pós-doutorado (2018-2023) junto ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG, com enfoque na tradução e na criação de poesia. Atualmente, é professora visitante no IFMG. *Olho de boi* (Reformatório, 2023) é o seu livro de estreia na poesia.